

A PRÁTICA DE LEITURA NA FASE INICIAL DE LETRAMENTO

Andreia Barros da Silva(1); Lindinalva Vicente de Almeida Santos(1); Maria Aparecida Ramos Lima (2);

UNOPAR – Universidade Norte do Paraná andreia_barros77@hotmail.com; Holding UniGrendal Corporate - lindinalvaprof@gmail.com; UFRPE/UAG – cidaramoslima@gmail.com

Resumo: O presente trabalho aborda a análise das práticas utilizadas pelo professor para desenvolver atividades de leitura no espaço de sala de aula na fase inicial de letramento tendo em vista os eixos centrais formativos do hábito da prática de leitura dentro e fora da escola. Contudo, buscou-se refletir sobre como a leitura deve fazer parte do contexto social e da vida da criança no processo inicial de alfabetização desde os anos iniciais de escolarização, é com essa prática que elas poderão interagir com textos diversificados, nos diversos segmentos sociais: informativo, sugestivos e determinantes. Assim, os alunos podem mais tarde tomar gosto pelo ato de ler, o que favorece a prática de bons escritores, ou seja, constituindo-se em leitores e escritores críticos e reflexivos, pois toda criança encontra na leitura um prazer especial para a sua vida interior e para a compreensão do mundo. Nesse sentido, é que se desenvolveu essa pesquisa com a finalidade de refletir sobre a prática do professor na formação de leitores a partir dos contos infantis favorecendo a criança a compreensão do lido com o conto e reconto no espaço escolar e as estratégias desenvolvidas em sala de aula.

Palavras-chave: Alfabetização. Aprendizagem. Escrita. Leitura.

INTRODUÇÃO

Despertar o gosto pela leitura é prática que deve ser inserida não apenas ao espaço escolar, entretanto, no espaço social a criança pouco tem acesso a livros, a contadores de histórias, a bibliotecas que atendam suas necessidades e expectativas na fase inicial de aprendizagem..

Diante da formação leitora, é possível reconhecer que a escola precisa oferecer possibilidades para que a leitura seja inserida rotineiramente nas atividades desenvolvidas em sala de aula e que os contos e recontos devem estar presentes nesse contexto, textos que o aluno utilize com a finalidade de divertir-se e resolver problemas do cotidiano, fazer interpretações ou compreensão a partir da escuta ou leitura feita pelos adultos.

Contudo, supõe-se que a escola enfrenta diversos problemas como a falta de acervo e parceria com a família, bem como, possibilidades para a realização de propostas que anseiem desenvolver o prazer de ler, de compreender o sentido da leitura e, posteriormente da escrita como fatores inerentes a prática de letramento dos alunos do pré-escolar. Por isso, o interesse em desenvolver uma pesquisa de campo com a professora de educação infantil da Escola Municipal Antonio Gomes de Souza seguido de reflexão bibliográfica sobre a prática de leitura no processo

inicial de letramento, visando investigar como ocorre a utilização constante da leitura no espaço escolar, nas práticas de rotina da sala de aula e os desafios enfrentados pelos professores no cotidiano.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de campo realizada entre no final do primeiro semestre de 2017, na Escola Municipal Antonio Gomes de Sousa, localizada no Povoado São Francisco município de Solidão/PE, na turma da professora de educação infantil - pré-escolar, mediante observação direta e indireta, participação efetiva da sequência didática de contos e recontos, e análise de como a leitura pode intervir no processo de formação leitora e produção escrita no processo inicial de letramento da criança mesmo em uma escola de área rural.

Além disso, inclui-se uma prática constante de leitura literária de diversos autores, tais como: Simões (2006), Silva (1993), PCN (1998), entre outros, para aperfeiçoamento da produção escrita deste trabalho – resultado do objeto de estudo do pesquisador, averiguando o contexto da escola, do fazer pedagógico e da experiência adquirida em todo processo de observação.

A pesquisa ocorreu através de questionário com a professora de Educação Infantil e observação direta da vivência de atividades na sequência didática de contos, bem como a culminância do projeto: o baile dos contos. A finalidade maior deste trabalho foi de refletir sobre a prática de leitura dentro do espaço escolar, quais as estratégias mais utilizadas pelo professor e com que frequência se faz lê como diversão e fonte de prazer.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura no espaço escolar é tarefa indispensável à apropriação da aprendizagem dos conteúdos direcionados a oralidade ou a escrita em qualquer etapa de escolaridade. No entanto, aqui será refletida a importância desta prática no ambiente escolar como rotina do professor, bem como, sua concepção leitora na conquista e avanços do processo de ensino e aprendizagem das crianças no início de sua escolarização.

Na maioria das vezes, o professor vê as práticas de leitura como atividade habitual da rotina para a aquisição da apropriação leitora, no entanto, acaba esquecendo as inúmeras

possibilidades da criança, de sua prática educadora e do próprio espaço escolar que gera influências na aquisição desta habilidade.

Para tanto, Simões (2006, p. 16) explica os cuidados

Por isso a apropriação da leitura e da escrita, pela criança em especial, é um processo de alto grau de complexidade e requer do professor competência técnico-pedagógica específica, para que as dificuldades sejam amenizadas. Há mil problemas em torno da aprendizagem da leitura /escrita, desde a movimentação dos olhos – de cima para baixo e da esquerda para a direita – até a análise última do vocábulo como uma sequência de figuras – letras e fonemas – que, em princípio, correspondem a entidades sonoras – fonemas – resultantes do uso das potencialidades do aparelho fonador humano.

Assim, percebe-se que além da prática de leitura, existe uma grande necessidade de compreender como se dá esse processo na vivência diária da escola e na atuação do professor no dia a dia com visão de conquistas qualificadas no aprendizado da criança.

Ao questionar a professora do pré-escolar da Escola Municipal Antonio Gomes de Souza sobre o que ela compreende a respeito da prática de leitura, ela diz que: *“o ato de ler permite formular sentidos, construir hipóteses, ampliar as habilidades de interlocução entre as pessoas, interagindo com elas e tornando-os capazes de compreender criticamente e avaliar os modos de entender o mundo e suas relações”*.

Desse modo, percebe-se que a necessidade de se compreender a leitura sugerindo uma visão ampla que é colocada na escola como um desafio é uma realidade a ser construída a cada dia, ficando a encargo dos educadores oportunizarem melhores condições de leitura.

Para tanto, torna-se muito difícil, senão impossível, refletir sobre as diferentes vertentes do trabalho escolar sem considerar a busca e produção do conhecimento. A escola deve ter por responsabilidade propiciar condições para que seus alunos conheçam e recriem o conhecimento lançando aos alunos o desafio de criar e produzir o seu próprio conhecimento.

Para Silva (1993, p. 7)

[...] sem dúvida que a busca do conhecimento pode e deve ser mediada pela leitura de determinados textos, porém o ato pedagógico vai exigir muito mais que isso. Entre as exigências básicas, coloca-se o estabelecimento de relações dialógicas para aproximação das pessoas, para a organização do avanço cognitivo sobre determinadas questões e para as decisões a serem tomadas a respeito das necessidades de aprendizagem do grupo.

Esse aprendizado constitui um processo contínuo e dinâmico fazendo parte de uma cultura escolar que abrange diversos conhecimentos. Como disse Paulo Freire (1988) à leitura de mundo nos remete a necessidade de conhecer diversos valores através da realidade, tais como: valores

sociais, hábito e posições perante a vida. A leitura da palavra é antecedida não só pela leitura de mundo, mas de certa forma pelo processo de escrever e reescrever os sentidos de cada texto.

Freire (1988, p. 11) diz que:

A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra, daí que posteriormente a leitura desta não possa prescindir da continuidade daquela linguagem e realidade se prendam dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica duplica a percepção das relações entre o texto e contexto.

Esta concepção de como se produz o início do processo do ato de ler está em contraste com as práticas metodológicas vivenciadas na maioria das escolas, interligadas a concepção da leitura que deve ser iniciado com um processo percentual generalizado, visualmente orientado pelo reconhecimento de palavras. Pois, muitas dificuldades enfrentadas pelos educadores estão relacionadas a sua prática, muito não possuem a habilidade leitora.

Diante dos problemas enfrentados na escola mediante a prática de leitura, a professora entrevistada coloca que:

Em termos gerais a escola tem um grande problema com relação à leitura, os alunos não gostam de ler e, conseqüentemente, a leitura passa a ser um empecilho na escola. E sem dúvida é uma queixa comum entre professores, que influencia diretamente no processo escolar. Por isso veio à ideia de trabalhar a seqüência de conto trazendo não só a leitura, mas junto à fantasia. Quando o professor se caracteriza e assume o lugar do personagem, a atividade fica mais atrativa permitindo mais compreensão, dando vida à história trazendo-os ao mundo de sonhos da criança, fazendo com que se sintam personagens da história também.

Para formar bons leitores, faz-se necessário que o professor também tenha paixão pela leitura, que possua bons hábitos do ato de ler e uma entonação adequada, pois a atividade realizada de forma árida e tortuosa de decifração das palavras e do conteúdo escrito que muitos chamam de leitura, não tem nada haver com uma atividade prazerosa, De fato, atividade nesse âmbito, não é leitura por mais que esteja legitimada pela tradição escolar.

Freire (1988, p. 11) explica

[...] ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido. Essa é uma das características da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente porque ela não faz sentido.

É por isso que uma das primeiras barreiras que o professor tem que negociar no processo de construção do conhecimento consigo próprio é o entender que ensinar a ler não é tarefa fácil, a

própria resistência e falta de apoio dos pais dos alunos dos anos iniciais também apresentam-se como entrave. E estas convicções estão baseadas numa concepção do saber linguístico desvendando o uso da linguagem, é justamente essa resistência que impede uma prática alternativa de comunicação entre o aluno e a leitura. E, tentando compreender esses obstáculos, a professora simplifica argumentando que *“sendo a leitura um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a escola deve reservar um espaço significativo para esta prática no contexto escolar”*.

Assim, segundo os PCN (BRASIL, 1998, p. 69)

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informações decodificadas por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégia de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem os quais não é possível a proficiência.

Desta forma o papel do educador enquanto incentivador e mediador das práticas de leitura na sala de aula, voltada para a formação da competência leitora é extrair a essência desta prática, podendo deleitar-se, criando suas próprias antecipações e conclusões, compreendendo o que ler de forma a contemplar as suas necessidades enquanto leitor crítico e formador de suas próprias opiniões. O uso desses e outros procedimentos possibilitam controlar a leitura permitindo ao leitor tomar decisões diante das dificuldades de compreender o texto e buscar esclarecimento a partir de suposições feitas.

Assim, a professora repasse sua experiência e a visão de como introduzir a leitura em sala de aula mesmo na etapa inicial de aprendizagem – pré-escolar.

Convém lembrar, que a leitura não pode ser concebida no vazio, e sim dentro de parâmetros que identifiquem também as novas concepções de conhecimento e, principalmente centrada no que os educadores pensam como educação nos dias atuais, ou seja, educar para a vida, ler o mundo que está ao seu redor, não apenas para decodificar, mas para apropriar-se dos gêneros que os cerca; assim, é preciso ter em mente que leitores estão se formando para que aprendam a ler além daquilo que está escrito.

Segundo Paiva (Brasil-2016, p.120), a escola objetiva a prática de leitura na sala de aula como transformação do aluno. Que no futuro, este seja um cidadão capaz de ler e interpretar o mundo, pois a realidade social tem cobrado muito um indivíduo letrado, capaz de ler e interpretar aquilo que leu. Os meios tecnológicos têm contribuído muito nesse processo, tarefa que a criança se

depara num espaço diferente da escola. Com uso de procedimentos mais fáceis e rápidos de usar, com aplicativos que duram questões de segundos para trazer respostas aquilo que se procura.

Assim, é fácil constatar a presença dessa prática na escola, no entanto, é mais complexo discutir as condições reais da leitura no contexto escolar compreendendo e relacionando a prática efetiva e os diversos aspectos de interação social que estão ao redor da criança, dentro do seu convívio cotidiano incluindo o uso da internet.

Para a professora entrevistada,

Faz-se necessário desenvolver atividades contextualizadas as práticas de leitura que desenvolvam a capacidade de levantar questões significativas, reconstruindo seu entendimento. E, este é um processo que exercita a própria capacidade do conhecimento que a criança já possui ou adquiriu no espaço diferente do contexto escolar. Porém, para que isso aconteça é necessário que a família participe da vida escolar da criança, que faça leitura constante para ela, e que a escola também assuma seu papel diante da disposição de acervo literário, o que ainda é bastante precário em nossa escola.

Formar leitores competentes é um compromisso social, político e cultural da escola voltado para situações educativas em que se ajuda o aluno a contrastar e relacionar seu conhecimento prévio, controlando sua aprendizagem, pois o ensino produtivo garante a aprendizagem eficiente do aluno, todavia, a escola reflete sobre as condições adequadas as estratégias de compreensão leitora, como explicita os PCN – Língua Portuguesa (1998, p. 28):

Quando são lidas histórias ou notícias de jornal para crianças que ainda não sabem ler e escrever convencionalmente, ensina-se a elas como são organizados, na escrita, estes dois gêneros: desde o vocabulário adequado a cada um, até os recursos coesivos que lhes são característicos. Um aluno que produz um texto, ditando-o para que outro escreva, produz um texto escrito, isto é, um texto cuja forma é escrita ainda que a via seja oral. Como o autor grego, o produtor do texto é aquele que cria o discurso, independentemente de grafá-lo ou não. Essa diferenciação é que torna possível uma pedagogia de transmissão oral para ensinar a linguagem que se usa para escrever.

Uma consequência dessa atitude é a formação do leitor ativo, que se torna capaz de construir o sentido com interpretações consistentes, retratando a prática construtiva de formação da compreensão leitora. Sendo assim, constata-se que não se muda a formação leitora apenas com usos diversos de livros manuais, é necessário que se reformule a política de formação de leitores promovendo a condições escolares subjacentes a práticas construídas na escola. Surgindo assim a necessidade de repensar uma política para a escola que leve em consideração as reais condições de produção e compreensão leitora, mesmo que seja nos primeiros contatos com a escrita.

A análise de linguagens infantilizadas e artísticas, incluídas na literatura infantil impõe uma preocupação não apenas com o processo de leitura e escrita da criança, mas atenta para as habilidades que ela deve adquirir ao longo desse procedimento favorecendo-lhe uma formação leitora para uma vida futura.

Diante da ideia em desenvolver a leitura interpretando o personagem ou caracterizando-se de acordo com cada história, a professora explica que

Na vida da criança, seja no espaço escolar, social ou familiar, não se pode trabalhar atividades de leitura de forma aleatória, sem o conhecimento que se tem por trás de uma história fascinante. Não se pode adquirir o prazer e envolvimento com a leitura que não estabelece nenhuma relação de significado para a criança, fato que pode ocorrer também com o adulto. É através dos sentidos e das sensações aprendidas que o indivíduo compreenderá o mundo ao seu redor, e os livros de literatura, em especial com imagens, trazem possibilidades de recontar e reinventar as histórias.

Assim, ressalta Lerner (2002, p. 66) que existe “duas atividades que todo leitor vive na prática social: 1. escolher o que, como, onde e quando ler; 2. atrever-se a ler textos difíceis”. A criança frente ao livro, se de boa qualidade, é estimulada a criar roteiros, cenários, personagens, cenas e espaços, preparando-se, como numa brincadeira, para a construção de significados e para a compreensão do real.

Segundo Lerner (2002, p. 73)

Ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita [...].

Por isso é preciso refletir sobre a prática pedagógica utilizada na escola, especialmente tratando-se da leitura, abordando a literatura infantil, que em muitas ocasiões aparece desgarrada dos propósitos que lhes dão sentido no contexto literal. No espaço de sala de aula, na maioria das vezes, as estratégias de leitura são utilizadas para ensinar a ler e escrever, distanciando-se do fazer com que a criança aprecie e desenvolva seu prazer em ler, ação que também se distancia da metodologia docente.

Segundo Soares (2001), ler é um ato que se remete a um diálogo com o mundo do autor. É um ato que se coloca frente a frente a uma realidade que poderá ser totalmente desconhecida por professores e alunos, ou seja, pelo leitor, o que pode dificultar o seu entendimento. O texto, por outro lado, representa o pensamento humano de um tempo, de uma época histórica. É, portanto, a expressão de um modo de viver, pensar, sentir, ver a realidade como se apresenta historicamente em

seus aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais, ideológicos. Pode-se, então, entender que um texto é a obra do homem que auxilia os seus semelhantes a conhecer e entender o mundo.

Assim, para o educador, é um pouco complicado enfrentar os desafios de formar leitores em uma sociedade globalizada e informatizada, que se move freneticamente num circuito de milhares de informações vindas de muitas fontes e espaços diferentes, isso é suficiente para deixar as crianças e jovens leitores atordoados, incluindo até os educadores. Por isso, no trabalho de sala de aula, é preciso processar e selecionar leituras que tenham significados reais e que atenda os objetivos do expectador, ou seja, ao leitor ou aluno. Esse é um grande desafio também para os professores que ainda não adquiriram a formação leitora, pois são aprendizes nesse processo.

Portanto, para se formar alunos leitores são necessários muito mais que a prática da leitura, é preciso valer-se das distintas interações educativas proporcionadas, ou seja, o ato de ler deve oportunizar construção de conhecimentos, ações em torno de objetivos comuns ao gosto desenvolvido por ela, as oportunidades de participação no tempo e espaço interativo e os anseios de superação e de contradições emergentes que a leitura provoca no leitor.

Pois, a implementação de interações educativas como fatores contribuintes da formação leitora entre os alunos em sala de aula requer, além de um razoável controle da classe, um conjunto de habilidades interpessoais do professor para conceber, planejar, participar e coordenar as diversas interações da leitura com e entre os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como principal objetivo pesquisar sobre a apropriação da leitura no espaço de sala nos anos iniciais de letramento – pré-escolar supondo-se que tal prática é eixo norteador no processo de letramento da criança na fase inicial de escolarização.

Supõe-se que só é possível promover o desenvolvimento da habilidade leitora no aluno a partir de um trabalho comprometido com o processo de ensino e aprendizagem no qual o professor desempenhe um papel fundamental de mediador entre o aluno e o objeto do conhecimento.

Após um estudo aprofundado da pesquisa, é possível detectar que as maiores dificuldades de trabalhar em sala de aula atividades de leitura como processo de letramento encontra-se no apoio familiar, na prática de leitora fora da escola e no acervo literário que se distânciam das atividades inerentes à aprendizagem significativa dos alunos.

No entanto, compreende-se que a leitura deve ser enfatizada como atividade rotineira e constante no ambiente escolar refletindo sobre as diversas práticas e realização ligada ao contexto social. Para tanto, é preciso, antes de tudo, que o educador se reconheça como alguém que gosta de ler, pratica e conduz a leitura de forma prazerosa. E neste estudo constatou-se que é preciso refletir sobre a formação leitora no processo educativo que permita uma prática constante da leitura no espaço escolar, nas práticas de rotina da sala de aula, perpassando os desafios enfrentados pelos professores no cotidiano, incluindo a falta de acervo adequado e a prática constante na vida social da criança, através do envolvimento familiar e o despertar pelo gosto de ler e entender o contexto em que está inserido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa, Volume 02 Brasília: 1998.

FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1988.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PAIVA, V. L. M. O. **Autonomia e complexidade**. Linguagem e Ensino, v. 9, n. 1, p. 77-127. 2006.

SIMÕES, Darcilia. **Considerações sobre a fala e a escrita**: a chave para o sucesso. São Paulo. Parábola Editorial, 2006.

SILVA, Ezequiel Theodoro da, **Elementos de pedagogia da leitura**. São Paulo: Martins Fontes 1998. OLIVEIRA, M. K. Vigotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio histórico. São Paulo: Scipione, 1993.

SOARES, G. M. R. **Alfabetização e letramento**. São Paulo, Contexto, 2001.